

## **A utopia de Canudos**

Marcelo Rios<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo pretende analisar conceitualmente o fenômeno da sublevação de Canudos em relação à ordem estabelecida na sociedade brasileira a partir da Proclamação da República em 1889.

**Palavras-chave:** messianismo, ideologia, utopia.

### **1. INTRODUÇÃO**

Partindo do conceito de ideologia e utopia (ideologia total) do sociólogo Karl Mannheim<sup>2</sup>, estabelecendo analogia de sua teoria aplicada ao milenarismo (messianismo), na simbiose de seu discurso ideológico-utópico, para o entendimento da proposta do discurso simbólico que serviu de fundamento teórico e resistência de movimentos sócio-religiosos, que conhecidamente tem marcado presença na história das revoltas populares desde o século XVI com a revolta dos camponeses na Europa, os “Muckers” (1874), o “Contestado” (1912-1916) e “Canudos” (1896-1897) no Brasil. Revoltas de aspirações igualitárias, caracterizada pela constituição de uma sociedade sem classes entre aqueles que se encontravam na condição de deserdados. Abordando especificamente neste estudo o caso do movimento de Canudos.

### **2. CONJUNTURA**

---

<sup>1</sup> Graduado no curso de História das Faculdades Porto-Alegrenses – FAPA.

<sup>2</sup> “Para ele, ideologia é o conjunto das concepções, idéias, teorias, representações, que se orientam para estabilização, ou legitimação, ou reprodução, da ordem estabelecida (doutrinas de caráter conservador, consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntária). Utopias ao contrario são aquelas idéias, representações ou teorias que aspiram outra realidade (realidade inexistente), como negação da ordem social, ruptura, assumindo a função subversiva e até revolucionária, ideologia total, são duas formas de um mesmo fenômeno, que se manifesta de maneiras distintas, podendo ser ideológico ou utópico”. (LOWY, Michael. Ideologias e Ciência social. São Paulo, 1989. Capítulo 1. Ideologia, p. 11-32).

2

No caso dos Canudenses excluídos da sociedade, implica dizer que conformavam essa condição no período anterior a República, sendo a situação dessa população agravada pela instituição republicana, com as mudanças de relações políticas ocorridas, referente à autonomia dos Estados e pela própria dinâmica econômica que progressivamente vinha sendo transferida da região nordeste para a região centro-sudeste (cafeeira).

As insatisfações sociais das populações pobres somadas ao sentimento de orfandade provocado pela derrocada da Monarquia que um ano antes da proclamação da República havia abolido a escravidão, da qual a massa dos seguidores de Antonio Conselheiro, líder do movimento de Canudos, constituía a pluralidade das misturas étnicas e raciais na formação do sertanejo brasileiro, miscigenado, típico do interior da região nordestina contrastando com a elite branca.

Tendo o efeito da queda da monarquia agredido as camadas populares, que levou ao eventual mal entendido da separação entre Estado e Igreja, uma vez que a consolidação da República não impediu uma certa influência da Igreja na esfera política e uma presença contínua na sociedade, até em sua posição de arbitrariedade em relação aos conselheiristas, mantendo estes uma profunda ligação ao catolicismo tradicional português<sup>3</sup>, a religião do colonizador, manifestada tanto na forma de culto do período colonial (culto do oratório e pouca presença clerical) como na cultura e nas crenças importadas, no lendário advento do Sebastianismo, uma das vertentes do milenarismo, e na concepção do direito divino dos monarcas, aspectos que também foram se mesclando a cultura das classes populares, sendo essas populações impregnadas da cultura do dominador pela forma de imposição, acesso, adaptação e apropriação da religião importada, da qual passaram a defender. Catolicismo que durante essa época de revoltas messiânicas no Brasil, estava em fase de reestruturação, em sua tendência de “romanização”, contrapondo catolicismo popular ou “rústico”, figurando o representante do episcopado brasileiro na Santa Sé, o Arcebispo da Bahia D. Antônio de Macedo Costa no combate as formas de expressões religiosas espontâneas herdadas do “velho catolicismo”.

---

<sup>3</sup> HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil-Colonial (1550-1800). São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982. P. 7-92.

3

Considerando o conjunto de aspectos, ideológicos, de tipos humanos sociológicos, determinantes da cultura local e as mudanças institucionais pela ruptura com legitimação da antiga ordem estabelecida, a constituir a visão de mundo dos canudenses associado a sua situação material, assumindo um viés utópico de contestação das injustiças sociais, de busca e resgate de uma realidade inexistente ou que deixou de existir em seu imaginário popular. Combinação conjuntural que possibilitou a resistência de uma comunidade que ficou isolada da visão modernizadora de mundo e de progresso do pensamento racionalista advindo do século das luzes (XVIII), aporte teórico das elites.

Visões de mundo contraditórias entre a razão (iluminismo) e a tradição (teo), que travam suas disputas ideológicas, no campo do ideário e no campo das deflagrações das lutas armadas, traçando o cenário trágico da história dos vencidos e dos vencedores, da qual Canudos resistiu bravamente até o fim:

“Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”.<sup>4</sup>

### 3. VISÃO DETERMINISTA

A presença do pensamento dominante dos que se beneficiaram do advento República conseguiu forjar e distorcer a realidade sobre a representação do fato de Canudos, prevalecendo a imposição de sua visão intolerante e ao mesmo tempo pejorativa, que influenciou na produção literária e historiográfica.

No clássico da literatura brasileira, “Os sertões” obra de Euclides da Cunha, correspondente do jornal “O Estado de São Paulo” encontra-se registrado o fenômeno da

---

<sup>4</sup> CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da, 1866-1909. Os Sertões: campanha de Canudos: 27ª edição. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

4

revolta de Canudos como sendo resultado do produto do material humano (sub-raça) associado ao meio ambiente (inóspito), condenados a sua condição de mestiçagem e por seu “fanatismo religioso”, valorizando o autor apenas a bravura e a resistência dos canudenses frente ao combate armado, contribuindo com sua visão determinista e depreciativa do movimento:

(...) “um bando de miseráveis, famintos e infelizes que precisavam de reformas sociais. Era mea culpa de um intelectual liberal, que o projeto político liberal, não podendo absorver os conflitos sociais, preferiu o massacre”.<sup>5</sup>

Na historiografia em seu expoente acrítico, cronológico, linear e estanque, a análise reducionista do fenômeno messiânico pendeu para classificação categórica de manifestação pré-política, apresentado na obra “O messianismo no Brasil e no Mundo”, de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Conforme Lokoi, essa visão contribuiu:

“Enfatizando a inexistência de uma dimensão política, ou de um projeto, como se o movimento não tivesse agido pela transformação social. Considerando que esses homens se rebelaram e morreram como fanáticos por não compreenderem a realidade. A credence, a ignorância e o fanatismo teriam-nos levado ao conflito”<sup>6</sup>

Não sendo o movimento de Canudos, apenas uma manifestação religiosa externa devido à condição material determinante desse fenômeno, na forma como foi apontada por Rui Facó, mas a combinação equilibrada de aspectos introspectivos dos indivíduos e fatores externos que submetiam a existência (subsistência) das populações pobres sertanejas, norteado por um discurso agregador utópico de viés revolucionário.

---

<sup>5</sup> LOKOI, Zilda Márcia Gricoli. Lutas sociais na América Latina, Argentina, Brasil, Chile. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. (Serie revisão, 35). P. 68.

<sup>6</sup> Ibidem.

5

Conformando parcialmente a proposta de análise deferida por Duglas Teixeira Monteiro, baseado na versão da “Grande Tradição judaico-cristã”, como projeto messiânico de construção de uma sociedade justa entendida como o “Reino de Deus em uma terra renovada, e as expectativas de uma expiação individual”<sup>7</sup>, que destaca a religiosidade como expressão determinante do fenômeno messiânico.

Enquanto, Edmundo Moniz<sup>8</sup> em sua obra, identifica contraditoriamente, a revolta de Canudos, com o “Socialismo Utópico” de Fourier, Babeuf, e de Owen, e com as revoltas ocasionadas pela “Reforma” na Europa. Não valorizando a expressão cultural e religiosa miscigenada e nativa produzida na realidade das populações sertanejas, que engendrou a gênese e o ideário próprio pela herança de raízes messiânica.

O exagero cometido pelos republicanos e anticlericais, não é relevante, foi protagonizado em acusações infundadas, na tentativa de identificação do movimento de Canudos com a restauração monarquista, que estaria tramando secretamente um golpe com as potências monárquicas estrangeiras, idéia difundida por muitos anos após o término da revolta de Canudos e que nunca se concretizou.

A Igreja local da Bahia manifestou-se contra os canudenses na forma de uma circular do Arcebispo, proibindo o clero de participar das pregações de Conselheiro, ao mesmo tempo em que arrebanhava fiéis não significava uma perda para instituição eclesial, pois eram aconselhados pelo seu líder a manterem em dia as obrigações com os ofícios sacramentais administrados pelos clérigos que tinham um retorno tributário para própria Igreja, a circular episcopal sem muito efeito, dividiu o clero da região e o Arcebispo diminuído em sua autoridade, recorreu as autoridades governamentais.

### 3. A CIDADE SANTA

---

<sup>7</sup> HERMANN, Jaqueline. Religião e política no alvorecer da primeira República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. IN: O Brasil Republicano. P.123-160.

<sup>8</sup> MONIZ, Edmundo. Canudos: a luta pela terra, São Paulo: Global 1988. P.98-99.

6

Antônio Conselheiro era uma caricatura carismática e eloqüente em seus discursos, atraindo um contingente numérico significativo, durante seus vinte anos de peregrinação pelos sertões:

“Canudos ou Belo Monte, como preferia o conselheiro – cidade de vida brevíssima, converteu-se na segunda maior da Bahia, com população estimada entre 20 ou 30 mil habitantes, superior à de muitas outras aglomerações do estado”.<sup>9</sup>

Oferecendo as massas camponesas oprimidas a alternativa de organização coletiva para superação da situação econômica dos sertanejos, assentando os retirantes, flagelados pelas condições climáticas e pela falta de assistência dos governantes, nas margens do Rio Vaza Barris pela década de 1880, no Arraial de Canudos, nascendo assim a comunidade do Belo Monte:

“A comunidade recebia gente de todo tipo, porque a Utopia de Thomas Morus atraía muitos desencantados. Não apenas miseráveis, mas também pessoas de alguns pertences. Em primeiro lugar, havia na comunidade de conselheiro, liberdade em relação aos valores tradicionais da sociedade. O casamento não era indissolúvel. O sexo não era pecaminoso. O culto era celebrado para garantir a fé das pessoas, sendo a religiosidade muito presente”.

Este grupo tinha uma divisão de trabalho muito respeitada. Havia os que cuidavam do plantio, os que construía, os que faziam a defesa da comunidade, estrategicamente organizados, e os que lidavam com a atividade comercial (Canudos manteve durante muito tempo um comercio exportador de couros).<sup>10</sup>

Essa Projeção de sociedade alternativa não teve o respaldo nem da Igreja, nem do Estado, seja ele monárquico ou republicano, o êxito dos conselheiristas não era bem visto

---

<sup>9</sup> WISSENBACH, Maria Cristina. Da Escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. IN: NOVAES. História da vida privada no Brasil. P 49-130.

<sup>10</sup> LOKOI, Zilda Márcia Gricoli. Lutas sociais na América Latina, Argentina, Brasil, Chile. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. (Serie revisão, 35) P 66-67.

7

pelos distintos setores das elites, obviamente que se a monarquia tivesse perdurado por mais tempo, entraria em confronto em um dado momento com a utopia de Canudos.

Na concepção de Conselheiro “a terra não tem dono, a terra era de todos”, esse tipo de discurso entrava em confronto direto contra o latifúndio, perturbando o sossego das elites agrárias, que antes mesmo da instituição da República haviam estabelecido pela Lei de Terras de 1850, o aprisionamento, o monopólio, e a mercantilização da propriedade privada da terra.

“Na guerra de Canudos, não era a república, nem a monarquia, o que estava em jogo, é sim a reforma agrária, que prosseguiria a revolução democrático-burguesa que ficou incompleta no Brasil”.<sup>11</sup>

## 5. A HERANÇA MESSIÂNICA

O movimento dos conselheiristas era herdeiro e portador da utopia baseada no milenarismo messiânico que abordaremos em suas duas vertentes para entendimento do caso de Canudos que absorveu dessa fonte, possivelmente mesclando o dueto.

Basicamente o milenarismo busca resgatar o estágio do cristianismo primitivo dos primeiros séculos da era cristã, em sua dimensão temporal de constituição de uma sociedade justa e igualitária, e na sua dimensão vertical na relação de redenção espiritual de elevação do homem “à perfeição dos céus”.

O milenarismo em sua matriz principal baseado no Apocalipse de São João, o livro mais antigo do Novo Testamento, do ano de 68 d.C. escrito após a morte de Nero, apresenta de forma codificada a leitura da conjuntura em que viviam os cristãos sob a perseguição e o jugo do Império Romano, literatura que permitiu a resistência das primeiras comunidades cristãs na esperança de “um novo céu e de uma nova terra”.

---

<sup>11</sup> MONIZ, Edmundo. Canudos: a luta pela terra, São Paulo: Global. P 15.

Sendo remoto esse movimento na história do cristianismo, foi abolido e condenado pela Igreja no Concílio de Éfeso (431 d.C.), “o milênio, reino de paz e de felicidade” era considerado subversivo naquela época.

“Conforme já vimos, a mais antiga das obras da literatura cristã é o Apocalipse, de autoria de um dos profetas da vinda do messias, um certo João, da Ilha de Patmos”. João endereçou aos membros de sete igrejas (comunidades) da Ásia Menor, que ele nomeava como judeus, não ainda cristãos.

O Apocalipse, ao contrário dos outros escritos do N.T., privilegia os temas escatológicos, isto é aqueles que se referem ao que deverá acontecer no fim do mundo. O Apocalipse, de fato insiste em se referir ao juízo final ao triunfo da verdadeira fé num tempo próximo: “Eis que depressa virei e o meu galardão anda comigo, para recompensar a cada um segundo as suas obras” (XXII, 12). Quanto mais perto era apresentado o juízo final, maior se tornava o afluxo de aderentes às comunidades.

A esperança na recompensa dos justos e o impiedoso castigo dos pecadores representados por Roma – a “grande prostituta – e os ricos exploradores num tempo breve, tornava o cristianismo original radicalmente diferente e mais atrativo em comparação com as religiões precedentes. A doutrina escatológica assume no Apocalipse, uma feição nitidamente anti-romana: “Desgraça! Desgraça! A grande cidade, que se vestia de linho finíssimo, púrpura e escarlata, que se ornamentava de ouro, de pedras preciosas e pérolas! Em uma só hora tantas riquezas destruídas”(XVIII.16 e17). O autor se rejubila com os choros e lamentos dos romanos e todos os ricos comprometidos com os potentados da capital do Império.(...)

(...) grande parte de seus membros era constituída de trabalhadores e toda sorte de deserdados.(...)

(...) Em suma o caráter anti-romano do Apocalipse coincide com a estrutura democrática que caracterizava a mais antiga das comunidades cristãs conhecidas.”<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> OHLWEILER, Otto Alcides. Surgimento e degenerescência do cristianismo primitivo. Práxis 4. Porto Alegre: Ed. Tchê. 1986.P. 107-122

9

Prevalendo na instituição e consolidação da Igreja sobre bases romanas, a interpretação do Apocalipse, segundo Santo Agostinho, contrária ao milenarismo e legitimadora da sociedade da cristandade medieval, o que explica talvez a vertente do sebastianismo, forma de messianismo português, baseado no retorno do Rei D. Sebastião que morreu na Batalha de Alcácer Quibir (1578), alimentando no povo português o sentimento de nação, na esperança pela redenção Portuguesa do jugo da Coroa Espanhola, no “Advento do Rei-Santo-Herói”.

O sebastianismo foi difundido nas poesias do poeta português Bandara, sendo divulgado no Brasil pelo missionário jesuíta padre Vieira da Cunha, admirador das poesias do poeta.

A versão do sebastianismo era muito difundida no meio urbano entre comerciantes e viajantes durante todo o período colonial e imperial, sendo uma das profissões de Antônio Conselheiro antes de sua “missão nos sertões”, justamente a de caixeiro viajante.

Antonio conselheiro era um homem letrado e culto como fica demonstrado em suas prédicas, fundamentou seu discurso no conhecimento que tinha dos Evangelhos, nos Doutores da Igreja, nos clássicos latinos e gregos e na Utopia de Thomas Morus adaptando a realidade dos sertões e ao imaginário dos sertanejos levando a concretização de um projeto, pela fundação de uma cidade que tinha dinâmica e vida própria.

## **CONCLUSÃO**

Partindo desse conjunto de referencial teórico teológico, podemos entender o discurso que influenciou as iniciativas messiânicas no Brasil, embora alguns pensadores e intelectuais classifiquem a forma de expressão religiosa como sendo de papel secundário ou os próprios movimentos messiânicos de pré-políticos, a resistência dos canudenses frente às tropas legalistas e republicanas, corresponde à força de uma ideologia que permitiu aquela população empobrecida derrotar três expedições militares que atacavam ferozmente, sofrendo a derrota na quarta expedição de 1897, devido o reforço dado ao contingente das tropas militares.

10

Resistiram não na alegação de que nada tinham a perder, mas sim na utopia de que a vida continuava em “*outro mundo extraterreno*”, sendo levados a lutarem até a morte para que os que sobrevivessem pudessem construir “*um outro mundo possível*” aqui mesmo.

## BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Euclides Pimenta da 1866-1909. **Os Sertões: campanha de canudos**: 27ª edição. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1963.

HERMANN, Jaqueline. **Religião e política no alvorecer da primeira República: os movimentos de Juazeiros, Canudos e Contestado**. IN: O Brasil Republicano.

HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-Colonial (1550-1800)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

LOKOI, Zilda Márcia Gricoli. **Lutas sociais na América Latina, Argentina, Brasil, Chile**. Porto Alegre: Mercado Aberto 1986. (série revisada 35).

LOWY, Michael. **Ideologia e Ciência social**. São Paulo, 1989. Capítulo I.

MONIZ, Edmundo. **Canudos: a luta pela terra**. São Paulo: Global, 1988.

OHLWEILE, Otto Alcides. **Surgimento e degesnrescencia do cristianismo primitivo**. Práxis4. Porto Alegre: Ed. Tchê, 1986.

WISSENBACH, Maria Cristina. **Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível**. IN: NOVAES. Historia da vida privada no Brasil.